



*Admònet in somnis et turbida terret image.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 26 DE MARÇO.

O desgosto da còrte tem trahido todos os segredos do Saldanha. Já para ninguem é duvidosa a missão do Ximenes; e a conformidade das versões dá um caracter de certeza á noticia que mal se póde duvidar della. Eis-aqui o extracto da carta em que o *inclito* revela todos os seus pensamentos:

«É impossivel tomar o Porto pelas armas com os recursos que actualmente tenho, os quaes tem constantemente diminuido desde que sahi do Cartaxo em quanto que os do inimigo tem augmentado sempre.

«É necessario por tanto pedir a intervenção da Hespanha, e se esta não se podér conseguir directamente será necessario tenta-la indirectamente, propondo-se o recrutamento de uma legião de 6 mil homens hespanhoes, entendendo-se Costa Cabral com o gabinete de Madrid para que este licencêe aquelles seis mil homens do seu exercito, devendo achar-se a mesma legião em Portugal dentro de dois mezes.

«É necessario um ministerio activo e energico porque o actual é inepto. Conviria entrar Gorjão, Castro e Lapa.

«É necessario que todos concorram o que tiverem para o triunfo da causa; que o mercador de pannos dê panno, o de couros dê couro, e que os capitalistas sejam obrigados a concorrer para um emprestimo forçado não o querendo fazer de bom grado.

«S. M. deveria dar o exemplo dando as suas joias particulares e ainda as da corôa para serem empenhadas, as quaes agora não lhe são precisas em quanto a nação está de lucto, podendo depois ser resgatadas e até augmentadas.

«Que precisava tambem de 400 contos de réis a fim de tentar algumas compras.

«Finalmente se isto não se póde pôr em pratica vejo-me na necessidade de pedir a minha dimissão e ir para um paiz estrangeiro.»

Este ultimatum pôz a còrte na maior confusão. Agora é que a rainha conhece o errado passo que deu, e o quanto lhe vai custando caro o exercicio daquelle poder moderador que finalisou n'um despotismo feroz, mas cheio de imensos perigos.

Nós bem sabiamos ha muito que o Porto era inconquistavel, e assim o tinhamos dito. Tambem sabiamos que as hordas dos facciosos haviam de diminuir e que as forças liberaes haviam de augmentar. O que não esperavamos era que estes fanfarrões recorressem á vergonha de uma interferencia que é a confissão da sua fraqueza e da nossa nacionalidade.

Mas nada disto desconcerta a còrte porque alli nem sobra honra nem vergonha; o que a desconcertou formalmente foi o pedirem-lhe as joias da rainha!

Já em 16 de Janeiro o Shwalback lembrára os fundos da casa de Bragança no Alemtéjo para socorrer a sua divisão, e esta lembrança valeu-lhe uma reprehensão sevéra do commandante em chefe; porque em ultima analyse estes senhores querem a guerra mas á nossa custa. O povo derrama o seu sangue por causa delles, e por fim ainda tem de pagar as custas. Dizem-lhe que se tracta da rainha e da sua corôa; mas não haja medo que esta gaste um real para se segurar. Ou não acredita no embuste, ou troca essa corôa por uns poucos de contos de réis.

O procedimento do Saldanha não foi melhor avaliado que o do Shwalback. Já não é o *invicto* é o cortezão a quem ficou sempre a rudez do tribuno, e o beato que não póde largar a ferocidade do carbonario. Já no paço se suspira pelo duque da Terceira, e se pergunta aonde estão aquellas lisongeiras promessas com que Saldanha antes de 6 de Outubro embalava a còrte.

Assim o descontentamento lavra entre a pandilha. Até já descompõe o padre Marcos como entrando na agiotagem! Não será preciso que as espadas populares decidam a questão porque a intriga fará tudo.

A tranquillidade que se goza nesta cidade é a paz do despotismo, é a solidão dos sepulchros. O numerario escacea, os generos de primeira necessidade sobem, e os individuos apparecem mortos dentro de sua propria casa. Os hospitaes teem o dobro dos doentes que d'antes tinham, e familias que viviam na abundancia acham-se reduzidas á miseria.



Constantinopla tem mais vida, mais liberdade, é mais feliz.

Para abastecer a cidade manda agora o governo dar um varejo nas terras que lhes estão sujeitas, e faz recolher os cereaes á capital.

A fim de illudir o povo ordena que os governadores civis affiancem que o varejo só tem por fim conhecer a quantidade dos cereaes existentes, e de nenhum modo envolve a idéa de embargo ou a de venda forçada, e por preço determinado.

Esquecido desta promessa feita no art. 3.º ordena no 7.º que sejam intimados os donos dos cereaes para apresentarem em Lisboa o excedente das suas precisões (que o governo ha de regular) para abastecer a cidade.

Existindo uma ordem do governo para que ninguém possa vender os generos mais caros do que vendia, e comminando-se uma multa a quem não quizer aceitar notas do banco, a consequencia é que os proprietarios teem de vir aqui entregar os seus cereaes por um papel que ninguém quer, deixando de os vender na terra da sua naturalidade por metal; e assim é um roubo que se faz á lavoura.

Se o governo quer abastecer a cidade mande comprar por lá os generos, pagando-os promptamente, mas não com esses papeis assignados pelo Augusto Xavier da Silva, que sahe todas as manhãs para a praça com os bolsos cheios delles! E é esta a garantia que o banco dá da amortisação das suas notas!

Esta crise prolongada tem desenganado muito illudido: a folha official queixa-se deste abandono, e diz que « o pendão da anarchia está arvorado no mais insignificante logar da nossa terra; e que por occultos manejos, por insidiasas pirações os principios populares vão callando nos espiritos que a fidelidade animará, e lhe gelam o fervor com que deviam conspirar para debellar o inimigo commum. »

Eis-aqui o quadro da cidade é do paiz desenhado pelo ministerio mesmo. E' um estado de oppressão que elle proprio não póde supportar, e se depois diz que todo o paiz lhe obedece é para minorar o effeito daquella confissão verdadeira mas prudente.

A verdade devia callar em todos os espiritos, por que uma causa sem nobresa nem generosidade, um despotismo estulto exercido por pessoas sem genio não podia ser duradouro. O dia de desengano chegou, os nossos fundos cada dia descem mais nesta praça e na de Londres, a ex-marqueza de Saldanha já cuida em vender a sua mobilia, e os cabralistas assoalham que o marido queria os 400 contos para se metter n'algum novo Belfast que o livrasse dos apuros em que se acha.

O correspondente do *Times* escreve descorçoado dizendo que o Saldanha é incapaz de acabar a guerra, e que a sua pericia consiste hoje

em confiar na providencia ignorando inteiramente como ha de sahir da situação em que se collocára.

Esta é a razão porque a verdade calla em todos os espiritos, e porque no Porto ha o entusiasmo dos povos livres em quanto na capital só se vê a subserviencia do despotismo.



Chegou ante-hontem o paquete do Norte, e não troxe malla do Porto. Dizem uns que passára de noute, suppõem outros que a malla tinha ido para Vigo com receio de que o vapór não pudesse recebê-la no Porto por causa do tempo, e que já tinha passado naquelle ponto quando a malla lá chegára.

O vapór *Terceira* soffreu grandes estragos no mar, e perdia-se totalmente se uma embarcação ingleza o não salvasse, rebocando-o para Vigo aonde ficou. Dizem que se acha em estado de não tornar a servir.

Asseveram os passageiros que no castello de Vianna havia fogo. Eram as forças liberaes bombardeando o castello, que deve de estar a estas horas em nosso poder com os renegados que o ex-barão do Casal lá deixou para o sustentarem. O *Diario* de hoje confirma esta boa nova, acrescentando que tem noticias importantes do paiz, além das do Norte e Sul, e declarando que as forças absolutistas occupam as posições convenientes.

Todos sabem aonde ficam as posições convenientes!!!



Os generaes absolutistas do Alemtéjo estão amuados, e n'um dia se espera aqui o Gil Guedes, no outro o Shwalback. Este fingiu-se doente quando chegou aquelle; o governo aproveitou-se da doença, e entregou o commando ao Gil Guedes. O Shwalback deu alta, declarou-se prompto, foi tomando o commando; e ahi ficou o governo, ou o commandante em chefe, ou quem dirige essa charola, outra vez em balanços. Não sabemos a final como se arranjaram os dous commandantes, mas sabemos que em coragem e em pericia val tanto um como o outro, e que as forças populares escusam de fazer sentinellas, podem dormir.



Esteve ha dias para sair uma força desta cidade. Diziam uns que ía para Abrantes, outros para Santarém, outros para o Alemtéjo. No dia 24 estava ella formada no Terreiro do Paço quando chegon ordem para voltar á quartéis.

A maior parte desta força era municipal; o resto eram contingentes de diversos batalhões cabralistas.

A razão da sahida era patente a todos; a contra-ordem é que nos surpreendeu. O Shwal-



back carece de força; o Caldeira Pedroso igualmente; e com os liberaes do Alemtéjo não está segura nenhuma posição. A força pois era um auxilio prestado aos timidos absolutistas.

Diz-se que a contra-ordem fôra filha do medo dos que iam e dos que ficavam. Convidaram dos diversos corpos os que quizessem ir, e ninguém sahio á frente: a municipal (parte della) offerecia-se indo o seu commandante D. Carlos. Bem sabia ella que elle não queria marchar, porque nessa não cahe elle, na frase do Laborem. O Carmo é posição excellente para um strategico. Demais os cabralistas que ficavam diziam que a cidade se revoltava apenas sahisse a força, e parece que houve tal que arranjou a mallinha para o que dêsse e viesse.

O caso é que depois de tanta cavalgada apenada, depois de tanto rompante de leão, ficaram ahi como sendeiros, e o motivo foi medo ou de serem derrotados lá fóra, ou de haver sublevação cá dentro.



O governo não tem inimigo maior que o seu *Diario*. Andou a fallar tres mezes no *programma real* para desacreditar a rainha até que lhe impuzeram silencio a esse respeito; agora denuncia a intervenção da Hespanha, e a traição do governador de Valença, quando até aqui declaravam aquella praça como tomada.

O *Progressista* escreveu — «que a praça de « Valença se acha occupada por soldados de Lisboa, que levados a Vigo atravessaram quatro leguas por terras de Hespanha para alli se meterem. » A isto responde o *Diario* confessando o facto. «Queria o *Progressista* que as auctoridades hespanholas puzessem a ferro os cidadãos portuguezes para que não marchassem para a sua patria, quando eram reclamados por uma auctoridade da rainha de Portugal, o governador militar de Valença, para o coadjuvarem a salvar a patria da rebellião miguelista.»

Tomámos nota destas palavras para que se saiba que a folha official confessa que a força absolutista viera de Vigo, atravessando o territorio hespanhol.

Em 6 de Dezembro escrevia o *Diario* — «que se restabeleceira o governo legitimo na praça de Valença, recheada de petrechos e munições de guerra, adherindo a sua guarnição á intimação que para isso lhe fôra feita.»

O commissario regio no seu officio de 3 de Dezembro, vangloriava-se de ter commettido um alto feito mandando desembarcar dos navios de guerra do cruzeiro do Porto uma força commandada pelo Soares Franco. Este no dia 4 escreveu ao ministro da marinha dizendo «que combinára com o commissario Antonio Pereira dos Reis a tentativa da tomada da praça de Valença, e os meios que para aquella empreza se empregaram.»

Assim quando queriam premiar os seus guerreiros fingiram assaltos, combinações, intimações, e grandes meios d'ataque — agora que as ambições estão satisfeitas confessam que vieram alli porque um traidor, que governava a praça, os chamára! Eis-ahi no que deram as valentias dos tartufos, e o que lhes custaram a ganhar as commendas com que foram premiados. Entraram na praça porque foram chamados, esabes Deos o medo que assim mesmo tiveram.



#### ACTOS OFFICIAES.

7.<sup>o</sup> Divisão militar — Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. — Executei como intencionava a minha marcha sobre este ponto para d'aqui ir reforçar as guarnições de Portalegre — Arronches — e Marvão, a fim de que ficando por este modo seguros estes importantes pontos, bem como está Évora, eu possa manobrar sem receio por elles. Entrava igualmente nos meus designios fazer um reconhecimento em força sobre Estremoz, o que cumpru a divisão do meu commando do modo mais brilhante, que póde imaginar-se.

Todos sem se poder notar, que um fosse menos decidido que outros, avançaram denodadamente para os pontos, que se podia presumir, que dariam mais facil entrada, mas o inimigo estava precavido — e como eu não me preparava para tomar a praça por escallada — não entrando tal operação nos meus projectos, depois de um bem entretido fogo durante cinco horas segui a minha marcha na melhor ordem para esta villa.

Não tenho expressões para descrever a V. ex.<sup>o</sup> o ardor com que as tropas todas debaixo d'um chuvaire de ballas de artilheria e de fuzilaria foram tocar com as pontas das baionetas os muros e portas d'Estremoz. Era um bello desejo de gloria que se devisava em todos — Mas se as armas nacionaes mostraram aos facciosos de quanto são capazes, e o seu comportamento de hontem me dá a certeza de que tudo posso emprender á sua frente, esse prazer, essa gloria foi caramente comprada — A causa nacional perdeu um dos seus mais zelosos e esforçados defensores — o coronel Martelly morreu como um bravo, que era, a 20 passos do inimigo entoando á frente de um pelotão do batalhão movel d'Evora vivas á liberdade d'um paiz, que amava como seu, e onde era amado, e estimado como merecia: — pouquissimos mortos e dez feridos levemente foi todo o damno, que soffremos, mas attendendo á qualidade das victimas devemos dizer, que Estremoz as não valia.

Logo que recolha as partes dos commandantes dos corpos terei a honra de dar a V. ex.<sup>o</sup> uma relação minuciosa d'este feito que fez ver ao inimigo a grande subordinação e extremo patriotismo dos soldados da liberdade — Deos guarde a V. ex.<sup>o</sup> acantonamento em Veiros 26

10/ José de  
11/ José de  
12/ José de  
13/ José de  
14/ José de  
15/ José de  
16/ José de  
17/ José de  
18/ José de  
19/ José de  
20/ José de



de Fevereiro de 1847 — Illm.º e exm.º sr. presidente da junta governativa do Alentejo — *Conde de Mello*, commandante da 7.ª divisão militar.

#### Fazenda.

Tendo a experiencia demonstrado, que as attribuições que pela legislação em vigor competem ao tribunal do thesouro publico, podem provisoriamente ser exercidas pelo ministerio da fazenda, e por algumas repartições dependentes do mesmo ministerio, e sendo evidente a consideravel economia proveniente da adopção de uma providencia identica á que foi estabelecida pelo decreto de 26 de Setembro de 1836: a junta provisoria do governo supremo do reino decreta em nome da nação e da rainha o seguinte:

Artigo 1.º Fica extincto o tribunal do thesouro publico restabelecido pelo decreto de 9 de Março de 1842.

Art. 2.º As attribuições que pelas leis tinha o tribunal do thesouro publico, serão exercidas na conformidade da legislação em vigor antes da publicação do decreto de 9 de Março de 1842, até que se publique a lei organica das repartições da fazenda publica.

Art. 3.º Os membros actuaes do tribunal do thesouro publico, extincto pelo art. 1.º deste decreto, ficam, desde a sua publicação, demittidos.

Art. 4.º Fica revogada toda a legislação em contrario. O encarregado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Palacio da junta provisoria no Porto em 27 de Janeiro de 1847.—*Conde das Antas*, presidente—*José da Silva Passos*, vice-presidente—*Antonio Luiz de Seabra*—*Francisco de Paula Lobo d'Avila*—*Justino Ferreira Pinto Basto*—*Sebastião de Almeida e Brito*.



#### À ÚLTIMA HORA.

Não obstante a falta da malla pudemos obter algumas folhas avulsas do Porto até 18.

No dia 11 o conde das Poveas fôra estabelecer o seu quartel general em Penafiel.

O conde do Almagem participa de Braga em 11 do corrente o seguinte:

«Illm.º e exm.º sr.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. ex.ª que a guerrilha miguelista, que infestava a Povoas de Lanhoso, foi batida no dia 12 do corrente pelos povos, tanto daquelle concelho como circumvisinhos, que desenganados de que o nome de D. Miguel nesta provincia só é invocado por homens conhecidamente vendidos aos cabralistas, tomaram armas para debellarem uma facção que tão hypocritamente está auxiliando o faccioso governo de Lisboa. No dia 13, estando já os habitantes da Povoas reforçados pelo batalhão do Al-

to Minho, novamente perseguiram os guerrilhas, e então o triunfo foi completo. A morte d'alguns guerrilhas, e o aprisionamento de muitos outros, sendo entre estes, dois dos principaes cabecilhas, produziu tal terror nos bandidos, que, os que escaparam, só com a fuga puderam salvar-se, perdendo as bagagens e alguns cavallos. E' de crer que esta lição aproveite a alguns incautos a quem os agentes do governo de Lisboa tratam d'angariar para com o nome de D. Miguel servirem a seus sinistros intentos, por isso que os povos já conheceram este vil estratagem. Deos guarde a V. ex.ª Quartel general em Braga 14 de Março de 1847.—Illm.º e exm.º sr. conde das Antas.—*Conde do Almagem*.»

No Nacional de 17 lê-se o seguinte:

«O ex-barão do Casal entrou no dia 9 em Hespanha, e acampou no dia 10 na Magdalena. Quando alli chegou o alcaide constitucional do partido de Lobios officiou para Bande relatando que tinha entrado naquelle reino uma divisão portugueza, e como era pratica qualquer força estranha quando alli entrasse depozesse as armas, pedia força para obrigar aquella divisão a ser desarmada, no caso que ella resistisse. Como o ex-barão do Casal chegasse ao logar d'Azeredo, mandou o alcaide de Lobios reunir todos os povos no alto da capella de S. Roque, com cinco carabineiros que alli estavam, o ex-barão do Casal deixou a sua divisão em Azeredo, dirigiu-se ao referido alcaide, perguntou-lhe porque motivo estava aquelle povo reunido, e o alcaide respondeu que a reunião tinha por fim obstar á passagem das forças do Casal: em quanto não chegavam as que tinha mandado pedir, porque lhe constava que a tropa do ex-barão era insubordinada, que não respeitando donzellas, nem casadas, não queria que aquellas forças commettessem ultrages no territorio hespanhol; Casal respondeu que a sua tropa naquelle reino havia de ter subordinação, e que ao contrario elle a castigaria, e que durante o tempo que elle alli se conservasse a sustentaria; e que quando passasse a Portugal elle mesmo lhe daria ordem para que roubassem para terem que comer. Que havia com este procedimento obrigar os portuguezes a ter juizo, e que algumas casas de terras por onde elle tinha passado tinham sido destruidas, e que pelo que respeitava a depôr as armas que o não podiam obrigar porque elle tinha licença por escripto de S. M. C. (a qual apresentou) para entrar no territorio hespanhol até á distancia de 5 legoas, e retorceder por onde lhe conviesse, e que se pertendiam embaraçar-lhe o passo elle então alli se conservaria, esperando as ordens de S. M. C. Não se lhe offerecendo depois d'isto obstaculo algum marchou a divisão até Torrem aonde estavam no dia 12.—Porto 15 de Março de 1847.—*A. Gonçalves d'Alcantara*.»